

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 35

2017

Nº 214

MAIO - JUNHO

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Discurso de C. Flammarion...	5
1500-592 Lisboa	A Páscoa	7
Telefone : 217 647 441	O discípulo Anónimo	16
	Nocturno	21
*	A epilepsia e a ...	22
Director Responsável :	No futuro	28
Manuela Vasconcelos		
*		
Tiragem : 150 exemplares		
Distribuição Gratuita		
*		
Registo nº.211720	*	
Depósito Legal Nº. 13972		

EDITORIAL

Mais um número, mais tempo decorrido, mais dois meses passados desde o número anterior até este... e de número para número, de exemplar para exemplar, vamos registando – nos intervalos – aquilo de que valerá a pena falar-se, aquilo que poderá e deverá ser referido, mas... não somos jornal e, muito menos, ‘Diário’.

Por vezes, uma e outra notícia ou um facto mais contundente chama de tal maneira a nossa atenção que gostaríamos de o referir, mas acontece também que o tempo decorrido entre o facto consumado e a nossa edição, faz com que o tema tenha ficado desactualizado. Então, falar de quê?

Talvez dos factos que estão programados para acontecerem este mês ou nestas semanas mais próximas... e esta conclusão lembra-nos de imediato, dada a data já tão próxima, as comemorações dos 100 anos de Fátima e a vinda a Portugal, para o efeito, do Papa Francisco que, mais ou menos, todos nós conhecemos, dado o seu comportamento e as atitudes que vem tomando desde que foi eleito e tomou posse do seu cargo.

Falando primeiro de Fátima, a questão dos pastorinhos traz-nos à mente aquilo que nós, os espíritas, já sabemos: todos somos médiuns, embora a mediunidade possa estar mais latente nuns que noutros de nós. Não terá sido diferente com aquelas crianças de então, ignorantes, analfabetas, e aceitando tudo como ‘um milagre’ – elas menos que aqueles que as rodearam.

E Fátima aconteceu... e se, no início, o próprio Bispo de Leiria e a Igreja da época quiseram abafar o caso, - como muito mais tarde afirmou uma cantiga, surgida por uma situação bem diferente, “O povo é quem mais ordena”...

Honestamente, comparativamente, pensamos que é o mesmo que acontece de cada vez que os homens criam ‘um santo’, que depois, mediante os acontecimentos decorrentes, ao fim de uns tantos anos e umas tantas graças, a Igreja concorda em canonizar. Mas mediunidade não é, não significa santificação – e todos nós o sabemos! E também sabemos de alguns médiuns que poderiam ser chamados de santos e outros a quem se lhe apontariam todos os dedos de ambas as mãos, dado o comportamento irreverente – para não dizer péssimo – do que fazem com o dom que o Senhor lhes entregou... Mas Fátima, na época em que surgiu, acalentada pelo povo, talvez precisasse de ‘nascer’ assim, para que todos tivessem algo em que se apoiarem... Hoje, quando entramos naquele recinto onde muitos vão procurar o conforto que talvez não encontrem no familiar mais próximo, sentimos de imediato a vibração uníssonas de paz, amor e concórdia,. De esperança e dor também, mas de Fé, afinal, de todos os que por ali têm passado.

Fátima tornou-se, assim e com o passar dos anos, a porta da fé, não só dos portugueses como de todos os que queiram ir até ela.

*

Este ano, para a comemoração do seu centésimo aniversário, está anunciada a vinda do Papa Francisco – o Papa actual, cujo comportamento, desde que tomou posse do seu cargo, foi um “banho de esperança” para muitos crentes que viam a

Igreja e os seus mandatários tomarem rumos muito gravosos. Ele, com a sua conduta, mostrou que não é venal, mas também não é vaidoso nem orgulhoso nem deseja o luxo que os anteriores representantes do Cristo, no Vaticano, quiseram e exibiram. Homem simples, de uma só fé... tal como o devem ser todos os seguidores do Cristo, que não tinha de seu nem sequer uma pedra onde repousar a cabeça...

Por causa dele, da sua visita, Fátima, este ano não vai chegar para todos os que ali desejam comparecer, não por uma questão de fé mas para verem ‘o Homem’, e esta conduta preocupa-nos e, comparativamente, faz-nos recuar no Tempo até há poucos mais de dois mil anos atrás, quando todos deixavam tudo para seguirem a Jesus e, logo a seguir, como o condenaram, preferindo Barrabás.

Não é o homem que deve ser seguido e adorado, por muito boa e sã que seja a sua conduta: o seu exemplo é que deve ser seguido e o Papa Francisco tem dado exemplos suficientes para que todos os que estejam atentos a ele e a eles, os sigam. E aí, todo aquele que tentar pô-los em prática com certeza que estará melhorando em muito a sua conduta, seja assimilando as suas acções como as suas palavras, que sempre orientam para o amor ao próximo e para a paz.

Seja ele um novo Francisco de Assis – ou não -, que cada um que se debruce sobre os seus passos possa repetir as palavras do povarello de Assis: “Senhor, fazei-me instrumento da Vossa Paz...” e aí, sim!, aí terá valido a pena conhecerem Francisco, o novo Apóstolo do Cristo.

A DIRECÇÃO

DISCURSO NO TÚMULO DE ALLAN KARDEC, POR CAMILLE FLAMMARION

Antes de começarmos a transcrição das palavras do orador acima referido, temos que nos penitenciar da informação errada com que terminámos a transcrição feita em números anteriores, também referida a Kardec: ainda no último número, atribuímos a Flammarion as palavras que transcrevemos, do nº 209 ao 213, no qual falhámos na referência ao autor do texto biográfico que, anteriormente, tínhamos referido correcto. Agora, sim, as palavras que vamos transcrever são daquele seu contemporâneo, amigo e companheiro ao longo de diversas encarnações.

“Senhores: anuindo com satisfação ao convite dos amigos do laborioso pensador, cujo corpo terrestre aqui jaz a nossos pés, eu me lembro de um dia triste de Dezembro de 1865.

“Pronunciara então naquele dia o supremo adeus ao pé do túmulo do fundador da livraria académica, o honrado Didier, que foi, como editor, colaborador convicto de Allan Kardec na publicação das obras fundamentais de uma doutrina que lhe era cara; morreu também subitamente, como se o céu quisesse poupar aos dois íntegros espíritos a dificuldade filosófica de saírem desta vida por modo diferente do geral..

“A mesma reflexão tem cabimento a respeito do nosso antigo colega Jobard, de Bruxelas.

“Hoje a minha tarefa é mais árdua, porque desejaria poder descrever aos que me ouvem, e a de milhões de pessoas, que em o Novo Mundo se têm preocupado com o problema, ainda misterioso, dos fenómenos chamados espíritas, desejaria como

vinha dizendo, poder descrever-lhes o interesse e o futuro filosófico do estudo do fenómeno, ao qual se têm dedicado, como ninguém o ignora, homens eminentes entre os nossos contemporâneos.

“Muito folgaria como lhes fazer entrever que horizontes desconhecidos ao pensamento humano se desdobrarão diante dos olhos, à medida que se alargaram os conhecimentos positivos das forças naturais em acção ao pé e em torno de nós. Estimaria mostrar-lhes que esses conhecimentos são o mais eficaz antídoto da lepra do ateísmo, que parece infeccionar particularmente esta época de transição, e, finalmente, dar aqui público testemunho do relevante serviço que o autor de ‘ O Livro dos Espíritos ’ prestou à filosofia, **provocando a atenção e a discussão** dos factos até então pertencentes ao domínio mórbido e funesto das superstições religiosas.

“Seria, com efeito, de suma importância fazer sentir aqui, diante deste grande tûmulo, que o exame metódico dos fenómenos erradamente chamados sobrenaturais, em vez de levantar o espírito de superstição e de abater as energias da razão, dissipa, muito ao contrário, os erros e as ilusões da ignorância, e **fomenta melhor o progresso** do que a negação ilegítima daqueles que se não querem dar ao trabalho de ver as coisas.

(Continua em próximos números)

(In: ‘Obras Póstumas, edição Lake).

*

A PÁSCOA

A comemoração da Páscoa começou a ser feita pelos judeus para festejarem a libertação do jugo egípcio. Mas... quando foi que ele começou?

Quando os hebreus atravessaram uma época de quase miséria, eles procuraram no Egito, que era o país que mais próximo ficava do seu, a possibilidade de uma vida melhor e, assim, seguiam, afinal, o exemplo de José e dos seus irmãos – o primeiro, vendido como escravo pelos irmãos, ciumentos do carinho com que o pai o tratava; um dia, conseguiram prendê-lo à traição e venderam-no para uns mercadores que passaram pelo local onde se encontravam. Os mercadores continuaram a sua viagem mas, no Egito, um deles foi preso e, com ele, José, que acabou por ser tirado da cadeia e levado para a cozinha, onde ajudava o cozinheiro nas refeições que chegavam à mesa do Faraó.

O Faraó sonhava muito mas alguns dos seus sonhos eram tão inexplicáveis que nem os Magos da Corte os conseguiam interpretar ... e quando aconteceu mais um, que eles não souberam dizer o que anunciava, o mercador ainda preso foi levado à sua presença para lhe explicar o sonho: se acertasse, seria solto; caso contrário, morreria.

Entretanto, antes que isto acontecesse, o padeiro, que convivia na cozinha com José, de quem todos se tinham tornado amigos devido à maneira de ser do hebreu, disse ao guarda que o ajudante do cozinheiro, sabia interpretar os sonhos... e José foi levado até à presença do Faraó, explicando-lhe que as sete vacas magras que ele via se referiam a 7 anos de fome que os sonhos

anunciavam; e que as 7 vacas gordas significavam o contrário, caso soubessem enfrentar a fome.

- Como é que isso poderá ser evitado? – perguntou o Faraó.

- Aproveitando o tempo que ainda temos, antes de começarem as faltas, para se fazer um armazenamento de trigo, sementes, óleo, tudo o que pudesse ser guardado sem se estragar e que, mais tarde, seria transformado em alimento...

Assim se fez e, quando as terras deixaram de produzir devido ao cansaço das mesmas e às grandes chuvas e inundações que aconteceram, tanto no palácio como fora dele a vida decorreu normalmente, porque a interpretação que José fizera do sonho tivera o seu resultado positivo e nunca houve falta de alimento para ninguém.

Num gesto de gratidão, o Faraó mandou que José deixasse de trabalhar na cozinha e nomeou-o ministro da corte, passando o José a viver de tal maneira que, mais tarde, quando os irmãos foram em negócio ao Egipto e por ele passaram, nenhum o reconheceu. Foi José que os chamou e se identificou - não só naquele momento, perdoando-lhes a traição que com ele cometeram como convidando-os a irem buscar o pai e voltarem todos para viverem ali, em muito melhores condições do que o faziam em sua terra.

E assim aconteceu... e, pouco a pouco, mediante a maneira como os hebreus iam sabendo de como eles estavam a melhorar a sua vida no Egipto, uns e outros iam para aquele país, levando com eles a família, e ali se instalando na busca de uma vida melhor... mas foram tantos os que o fizeram, que começou a haver excesso de trabalhadores; então, porque a mão estrangeira é

sempre mais barata, pouco a pouco o trabalhador egípcio foi sendo substituído pelo hebreu nos trabalhos mais pesados e mais violentos, acabando este por se tornar escravo no país estrangeiro para onde fora vivera na busca de uma vida melhor.

Depois, aconteceu a descoberta de Moisés, que a própria mãe colocara num cesto, nas águas do rio que passavam rentes ao palácio onde vivia a irmã do faraó... que o descobriu, com ele ficou, dando-lhe o nome de ‘Moisés’, que significa ‘salvo das águas’... e o menino foi criado com as mesmas regalias do filho do Faraó, com ele crescendo, brincando, estudando... e mandando, quando entendia que o devia também fazer.

Mas, um dia, Moisés, no desagrado de uma atitude que um guarda lhe provocou, ao castigá-lo provocou a sua morte... e para não ser julgado, apesar de protegido da casa real, fugiu... Atravessou o deserto, conheceu uma família que o abrigou, vindo a casar com uma das filhas... mas ele não se sentia bem ali, apesar de estar feliz. A recordação do palácio era um apelo constante e, um dia, olhando para uma sarça, viu-a incendiar-se sozinha, com um fogo que não ardia, ao mesmo tempo que ouvia a voz de alguém que não via, mas lhe falava como sendo Deus, mandando-o regressar ao Egito, porque ele tinha de salvar o povo hebreu, levando-o para a sua terra – Canaã.

De princípio, Moisés resistiu ao que a voz lhe dizia, mas com a insistência da mesma, acabou por acatar as suas directrizes e voltou... O velho faraó tinha já desencarnado e o filho, o que fora companheiro de Moisés, não tratou o ex-fugitivo com o carinho anterior... Houve vários confrontos entre um e outro, da parte de Moisés sempre sob a orientação da mesma voz, até que, tendo-lhe sido anunciada (no fim de várias calamidades acontecidas com a finalidade da libertação do povo egípcio), que

morreriam todos os primogénitos se o povo hebreu ali emigrado não pudesse ir todo embora, tendo acontecido a morte do filho do faraó, este, no desespero em que ficou, autorizou a saída de todos, dando a Moisés um tempo limite para sair com os seus conterrâneos... Mas bem depressa se arrependeu da liberdade concedida, chamou os guardas e comandou-os a todos, na perseguição que começou, para fazer os hebreus libertos regressarem ou morrerem... Mais uma vez, Moisés é orientado e encaminhado para a praia e, quando as águas baixam, são todos incitados a entrarem naquele areal que se descobria, para que a fuga se concretizasse.

Aqui temos que referir os dados científicos descobertos e analisados actualmente: segundo os entendidos, e quem sabe o que é o baixa-mar, concordará que seria impossível que as águas baixas, ao voltarem depois, pudessem afogar e matar todos aqueles homens, com cavalos, bigas e armas de guerra. A última conclusão a que chegaram os cientistas é que terá sido um tsunami e, aqui, nós concordamos: o recuo das águas, a prepararem a onda maior, quase a única, que leva tudo à sua frente, terá posto a descoberto o fundo do mar, para onde os fugitivos se precipitaram, e, quando a onda voltou, eles já estariam a salvo, mas os perseguidores terão sido apanhados naquela voragem. Como aprendemos que milagres não existem, esta terá sido, realmente, ou talvez, a situação acontecida.

Então, do outro lado do mar, ficava o deserto, para onde Moisés se encaminhou com todos os seus seguidores, deserto que levaram 40 anos a atravessar até à chegada à “terra prometida”, para que fossem desencarnando os mais velhos, de ideias preconcebidas e vícios diversos.

Ainda há uma espécie de rebelião do povo, no sopé do monte Sinai, onde Moisés os deixa, entregues a si mesmo e a seu irmão, enquanto sobe ao cimo do monte para grafar as tábuas da lei, que Jesus, médium directo de Deus, lhe dita. Quando o profeta, ao fim de várias semanas, volta a aparecer, o povo tinha junto as jóias que conseguira guardar, pedrarias, restos de ouro, e tinha construído um bezerro de ouro que estavam a adorar no meio de grandes orgias.

No desespero que sentiu ao observar aquele comportamento, Moisés atira ao chão as tábuas com a lei que grafara, destrói o bezerro, e, dias depois, deixando ordens rigorosas ao irmão e a mais dois cooperantes, volta a subir ao monte para, mais uma vez, grafar a Lei do Senhor.

No regresso, todos retomam a jornada... De cada vez que acampavam, viviam como se já estivessem nas suas aldeias... Com a lei civil, que o profeta criou para fazer cumprir a lei de Deus, grafada nas pedras, havia o medo do Senhor... do que Ele fazia, como punia... Moisés aproveita os escribas que há entre todos para começar a registar a história do povo, para que não se perca no olvido a justificação de todas as tradições de que ainda se recordam, e tudo o mais que foi acontecendo... e, ao passar o primeiro ano da saída do Egipto todos concordaram em matarem um cordeiro – ou os que fossem necessários – e comemorarem a nova vida que estavam a ter. A comemoração era a da libertação de todo o povo... e anualmente, a partir daquela data, a Páscoa passou a ser sempre celebrada como a festa maior de todo o povo hebreu.

Quarenta anos passaram... Canaã, está ali já, bem pertinho, para por ela se distribuírem as doze tribos dos hebreus... as tribos de Israel... mas Moisés, muito antes dali chegarem, já sabia que

ele não entraria em Canaã pela sua desobediência anterior ao Senhor,... e assim acontece, porque quando começa a aproximar-se a terra prometida, Moisés morre... Dizem que, tal como com o profeta Elias, o viram subir ao céu num carro de fogo, mas o enterro do corpo fez-se na terra!

O tempo corre... e surge Jesus - Jesus que, quando começa a Sua missão, esclarece:

- Não vim para destruir a lei, mas para dar-lhe cumprimento... através do amor!

Desde que nascera, e com os seus pais, Ele cumprira também a tradição e todos os anos festejavam a Páscoa... E quando Ele entra em Jerusalém, pela última vez, é domingo de ramos: tudo cheira a festa, preparam-se já os melhores cordeiros para a comemoração.

Mas Caifaz está atento... consegue, com a sua influência, influenciar todo o povo, e Jesus é preso, já depois da comemoração festiva, quando orava no Jardim de Jetsemani.

A sua entrega aos guardas é feita pelo apóstolo Judas, que se vendera ao sacerdote judaico por 30 moedas... e é feita com um beijo: o beijo da traição.

Enquanto levam Jesus para a cadeia, Judas arrepende-se: ele pensava que agiriam com Jesus de maneira diferente, não assim, como com um criminoso qualquer; vai devolver as moedas aos que lhe tinham pago a traição, e mata-se... mata-se porque ele amava Jesus!

O julgamento de Jesus é rápido a fazer-se e mesmo a correria de Pilatos para Herodes e deste novamente para Pilatos, é rápida, porque as comemorações da Páscoa que estão a começar e não podem ser enoadas com a morte de ninguém – criminoso ou não.

Pilatos lava as suas mãos da condenação daquele que ele considera inocente, mas manda que se mate!

E é feita uma cruz, com dois troncos grossos de uma árvore, que dão ao prisioneiro para carregar até ao monte da caveira: ali eram mortos os criminosos condenados, e a morte na cruz era o final de todos eles.

Misturado com dois ladrões, dois criminosos, Jesus é considerado como mais um... Do alto da cruz, vê o seu manto ser dividido entre os guardas, depois de jogado aos dados... ao longe, umas mulheres choram... a Sua Mãe está ali, é uma delas. João, o apóstolo querido, ampara-a... Fazendo das fraquezas forças, consegue acenar para ele, dizendo:

- Filho, eis aí a tua Mãe...

E depois, acenando para Mãe, conclui a doação:

- Mãe, eis aí o teu filho!

E Maria, a Mãe, torna-se, assim, Mãe de toda a humanidade!

Ao lado, um dos criminosos, arrependido talvez, implora-lhe que se lembre dele, quando estiver no paraíso, e Jesus responde ainda:

- Em verdade te digo hoje: estarás comigo no Paraíso!

“Estarás”... no futuro, quando tiveres cumprido a tua parte de determinismo e fores, finalmente, como o meu Pai que está nos Céus te criou para seres... estarás comigo no Paraíso quando fores bom e puro e são... não agora, com a alma ainda enegrecida de todo o comportamento errado que te tem escravizado!

A morte acontece... a cabeça descai sobre o peito... as mulheres gritam e choram,, a Mãe, silenciosamente, aguarda pela descida do corpo, para o embalar como quando foi criança... o tempo ruge, em trovões, faíscas, vento... noite... O tempo ruge a morte do Justo, que pedira ao Pai o perdão para todos os que o condenaram porque não sabiam o que faziam...

O dia volta a clarear... Já é Páscoa! Tudo se conseguiu cumprir!

E a partir dali, a Páscoa continuou a ser comemorada, mas não já a da libertação do povo, mas a Páscoa da Ressurreição porque, quando Jesus apareceu aos apóstolos ao fim do terceiro dia, Ele estava a dar a lição final, comprovada com a Sua presença imaterial:

- A Vida continua para além da morte, porque a morte não existe, senão para o corpo, que segue os trâmites normais do desligamento do fio da Vida! A Vida continua, porque Deus criou-nos imortais!

Ano após ano, desde então, a comemoração da Páscoa, queira-se ou não, é a comemoração da VIDA QUE CONTINUA!

... Há dois mil anos atrás, tudo começou... com a morte de um – com a morte do Justo que tinha vindo à Terra para salvar a Humanidade!

*

Senhor Jesus:
Olho a cruz
Que nos lembra o calvário...
A cruz do Teu sofrimento,
Da Tua doação,
Do Teu perdão,
- Da nossa ignomínia!
(É uma miniatura
Que trago sempre ao peito...)
Não me torno melhor por a olhar:
Nem sinto o seu peso!
Mas Tu sentiste!
Ferido, carregaste-a e caíste!
... Gostava de ter sido o Cireneu
Que Te ajudou, que Te ergueu...
Talvez... talvez nunca chegue
A compreender bem
A magnitude do Teu gesto...
O Teu Amor por todos nós,
- Por toda a Humanidade!
Mas olhando essa cruz pequenina
De um 'Jesus Nazareno' que desceu,
Viveu e por nós morreu,
Eu peço-Te com fé, com amor,
Com esperança:
- Tal como ontem, não nos deixes!

Continuamos a ser criança!
Dá-nos o Teu Amor de Irmão,
A Tua bênção...
Incentiva-nos ao perdão!

MANUELA VASCONCELOS

*

O DISCÍPULO ANÓNIMO

Narra Marcos, o quarto cronista da Boa Nova, no capítulo 21, versículo 25 do seu Evangelho, que *“Muitas outras coisas, porém, há ainda que fez Jesus; as quais, se se escrevessem uma por uma, creio que nem no mundo todo poderiam caber os livros que delas se houvessem de escrever.”*

Marcos escreve, em seu capítulo 9:37 a 39, a respeito da atitude de João, ordenando a um homem que parasse de curar obsidiados em nome de Jesus, porque não pertencia ao círculo do Nazareno.

É Léon Tolstói que realiza o resgate da personagem, através da psicografia abençoada de Yvonne Pereira, narrando-nos que, mesmo muito jovem, aquele personagem era visto a seguir Jesus, onde quer que Ele se encontrasse. Moreno, de olhos cinzentos e sonhadores, cabelos negros e abundantes que iam até à altura do pescoço, barba pequena, negra como a cabeleira, sempre

tratada e limpa, vestia uma túnica de algodão azul escuro, alpercatas gregas e um manto marron.

A tiracolo trazia, de um lado, um saco de couro de carneiro onde guardava, envoltos em retalhos de linho muito alvos, dois roletes de madeira, espécie de carretéis, um deles sempre suprido com papiros, utilizados para a escrita pelos intelectuais da época, conforme o uso grego, estiletos, saís coloridos e uma espécie de flauta, um píforo. Do outro lado, em outro saco, trazia um alaúde.

Ele era visto sempre sozinho. Jamais falava e difícil seria dizer da sua nacionalidade. Poderia ser egípcio, não fosse a côr dos olhos. Talvez fosse mesmo grego, dadas as particularidades dos apetrechos para a escrita.

Seguindo Jesus, o moço do manto marron procurava sentar-se no chão, ou num banco improvisado com uma pedra, ou na soleira de uma porta, e punha-se a escrever o que ouvia. À noite, na pensão modesta a que se recolhesse ou no celeiro de alguma casa particular, ele desenrolava os papiros e, à luz de uma candeia de azeite, tudo relia. Estudava mesmo, até alta madrugada, fazendo anotações, comentários em outros retalhos de papiros ou peles de ovelhas, colecionando tudo caprichosamente. É como se, em sua mente, já se estivesse delineando algo que surgiria bem mais tarde, o livro.

Muito erudito, escrevia em grego, ou aramaico ou latim e, por vezes, compunha versos, acerca do que ouvira e vira, pois mais de uma vez presenciou as extraordinárias curas realizadas pelo Meigo Rabi.

Ele estava presente quando o chefe da sinagoga de Cafarnaum procurou Jesus, suplicando-lhe ir a sua casa, pois sua

filha, menina de 12 anos, estava presa de febre violenta. Assistiu, assim, à cura da mulher portadora de terríveis hemorragias.

Jesus, então empurrado daqui e dali, aproximou-se tanto do jovem, nessa oportunidade, que o Seu manto lhe roçou o rosto. Emocionado, o moço tomou da ponta do manto e ali depositou um ósculo de veneração. O Nazareno voltou-se, fitou-o em silêncio e pousou por um único instante, Sua mão sobre a cabeça do moço, abençoando-o. Os dois olhares se cruzaram. Nenhuma palavra foi pronunciada.

Logo mais, o alarido festivo anunciava que a filha de Jairo estava curada. Ali mesmo, o jovem retirou o tubo de estiletes, os carretéis com os papiros, os sais coloridos e escreveu sobre o que presenciara.

Alguns dias depois, estando numa praça aguardando a vinda de Jesus, o moço começou a observar a quase multidão que também ali esperava. Por onde andariam Jesus e os apóstolos? Possivelmente, em outra localidade, esparzindo bênçãos. Mas ali, os doentes começavam a ficar impacientes. Havia gemidos de um lado, queixumes de outro. Finalmente, em torno do meio-dia, tomado de profunda compaixão, o moço levantou-se da sombra da videira onde estava sentado desde o alvorecer, aproximou-se de um daqueles endemoninhados em convulsão. Colocou a sua mão sobre a cabeça do pobre homem e exclamou:

*- Em nome de Jesus de Nazaré, o Filho de Deus vivo, retira-te deste homem e vai em paz!*¹

O doente ainda se rolou pelo chão, gritou roucamente. Finalmente, surpreso, parecendo acordar de um pesadelo, ergueu-

se, um tanto envergonhado, limpou a poeira da túnica e foi-se. Estava curado.

O restante daquele dia foi dedicado todo a curas de obsidiados. Parecia ser a especialidade daquele moço. Nos dias seguintes, ele continuou. Foi então que João, presenciando a sua tarefa, o proíbe de continuar visto não pertencer ao grupo de Jesus, não ser um dos apóstolos. Estranhamente, não demorou muito a que o mesmo João retornasse a ele, desculpando-se humildemente e participando-lhe que continuasse no seu ministério. O próprio Mestre – informou – o autorizava “*mesmo não gozando ele da intimidade dos verdadeiros discípulos, pois reconhecia nele um amigo digno de confiança...*”²

Vieram, depois, os dias tristes da prisão e morte do Divino Amigo. Sete dias se tinham passado. O jovem acabara de escrever sobre as notícias da ressurreição tão falada. Cansado de escrever, de ler e de chorar, adormeceu e sonhou. Sonhou que Jesus o visitava em seu pobre albergue, radioso, e lhe pedia que tratasse de curar também as almas, não somente os corpos, pois que essas são eternas.

Assim, o moço do manto marron passou a atrair crianças e jovens para perto de si, através da música. Tocava melodias doces na sua flauta e, quando se via rodeado, dizia que se sentassem porque ele tinha histórias muito lindas para contar. Histórias de um príncipe que descera dos céus. E ele narrava o que vira e ouvira. Depois, declamava ou cantava seus versos que falavam das verdades eternas, revelando-se emérito professor e educador.

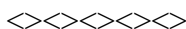
Durante o dia trabalhava, remendando mantos e túnicas, carregando água, levando camelos e cavalos de estrangeiros a

beberem e a serem lavados, carregando cestos de compras. Pela manhã e ao cair do crepúsculo, dava as suas aulas.

Aos discípulos interessados, presenteava uma cópia das suas anotações sobre o Nazareno e a sua Boa Nova.

Quando reconhecia que seus ouvintes haviam assimilado as lições, partia para outras terras. Na sua velhice, foi visto na cidade dos Césares, ainda de olhos sonhadores, tocando velhas melodias no seu píforo, ou recitando e cantando lindos poemas, ao som de seu alaúde. Poemas que falavam de um Príncipe, que abandonara temporariamente as estrelas, para ensinar aos homens a Lei de Amor.

Nunca ninguém lhe registou o nome. Na juventude, chamavam-no ‘Moço’. Na velhice, ‘Avôzinho’. Personagem grandioso, trabalhador da seara de Jesus, a ele se refere o Evangelho com rapidez. No entanto, seu nome está escrito no Livro dos Céus, pelo desempenho da grande tarefa: Amar a Deus, ao próximo e ao Evangelho do Mestre Jesus de Nazaré.



1 – SALGADO, Plínio. A planície. In: Vida de Jesus, 21 ed. São Paulo: Voz do Oeste, 1978, pt. 4, cap. 49.

2 – PEREIRA, Yvonne A. : O discípulo Anónimo. In: Ressurreição e Vida, 2ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1965, cap. V.

(In: MUNDO ESPÍRITA, Jornal mensal da Federação Espírita do Paraná, Outubro de 2004, Página: Personagens da Boa Nova – XXII, de onde fizemos a transcrição, com a devida vénia).

*

NOCTURNO

Quando a lua surgiu no firmamento
O vento
Murmurou baixinho ao arvoredos
Quase com medo
Uma jura de amor.
Depois, a lua
Toda nua
Se atirou nas águas da lagoa.
Um sapo verde, de olhos espantados, muito entusiasmado,
Saiu da toca e foi saltando à-toa.
Mas, de repente,
Vendo que a noite parecia um sonho,
Chamou a sapaiada e pôs-se a dirigir
Um nocturno enfadonho.
Hum... hum... hum... hum... hum...hum...
Toda a orquestra obedeceu ao compasso.
E a lua, friorenta, voltou para o espaço,
Enxugando-se na toalha das nuvens,
Molhadinha, toda molhadinha,
Pingando em cada dedo uma estrelinha.

JOSÉ HERCULANO PIRES

(Do livro do mesmo autor, 'Poesias').

A EPILEPSIA E A ESQUIZOFRENIA NÃO TÊM CAUSA CEREBRAL

**Seu tratamento normal é mero paliativo; o que cura,
mesmo, é o tratamento paranormal.**

Parte I

Epilepsia é termo de origem grega, idioma em que significa «invasão». Porquê, invasão? Porque os médicos gregos, anteriores a Hipócrates, considerado o ‘Pai da Medicina’, que viveu de 460 até 356 anos antes de Cristo, admitiam que a epilepsia resultasse da invasão do corpo humano por um deus. E por esse motivo, é que a chamavam de ‘doença sagrada’. Como considerasse que a epilepsia e outras doenças tivessem causa orgânica, passou-se a dizer que Hipócrates havia expulso os deuses da Medicina.

Tanto o Deus da actualidade quanto os deuses da Antiguidade, entretanto, nada mais são que Espíritos.

É a epilepsia doença de todos os tempos. Nos primeiros tempos da humanidade, a epilepsia era tida como invasão do corpo humano por um demónio (Espírito); na Antiguidade Clássica, isto é, nas velhas Grécia e Roma, por um deus (Espírito) e na Idade Média, durante a Inquisição, pelo demónio (Espírito maléfico). Na

Idade Moderna, admite o Espiritismo que a epilepsia é o domínio do Espírito do ser humano vivo, pelo Espírito de um ser humano sobrevivente ao fenómeno da morte, tendo por móvel o ódio e por objectivo a vingança, de grandes danos morais ou materiais, infligidos pelo paciente ao agente em vidas anteriores, embora apresentado, através dos tempos, sob quatro denominações diferentes: 1) demónios; 2) deuses; 3) demónio; 4) Espíritos (obsessores, indutores, subjugadores, possesores e compulsos). Os compulsos, aliás, podem ser maléficos ou benéficos; e os impulsores são sempre benéficos. A epilepsia, por outro lado, durante todo esse tempo, teve diferentes nomes: 1) **morbus sacer** (doença sagrada); 2) **morbus divinus** (doença divina, isto é, provocada por um deus); 3) **morbus demoniacus** (doença causada por um demónio); 4) **morbus astralis** (doença provocada por acção dos astros); 5) **morlunaticus** (doença resultante da acção da Lua); 6) **morbus caducus** (provocar quedas); 7) **gutta corallis** (gota coral, que caíra dentro do coração e seria a deflagradora da crise); 8) **morbus herculeus** (porque teria tido a doença, Hércules o célebre herói grego); 9) **morbus Sanctus Johannes** (por que, durante o ataque, lembraria o epilético a figura de S. João decapitado); 10) **morbus comicialis** (porque costumava ocorrer durante comício ou sessão do Senado Romano); 11) **morbus major** (quando se apresentava como o ‘grande mal’, isto é, restrito a determinadas partes do corpo); 12) **morbus larvalis** (ou ‘mal larvar’, quando ficava o paciente em estado de fúria); 13) **epilepsia** (‘invasão do corpo).

O Materialismo, embora admita, em tese, que a causa da epilepsia esteja no cérebro, não consegue unanimidade, quando tenta localizá-lo nele – indício, esse, da incerteza de suas conclusões. Através dos tempos, os psiquiatras, os neurologistas e os fisiologistas – materialistas – têm apresentado, como frutos de

observação, causas e efeitos, na esperança de que, também esses, pudessem acabar levando à verdadeira causa da doença.

Vejamos como se saíram das dificuldades, na tarefa de localizar a causa da epilepsia, seja no cérebro, seja fora dele (os nomes dos psiquiatras, ou neurologistas, ou fisiologistas, autores das hipóteses, estão entre parêntesis); 1) má formação craniana (Lasègue); 2) traumatismo craniano (Jackson e Rubino Vitch); 3) lesão encefálica (Pierre Marie); 4) córtex cerebral (Fuchs); 5) lesões difusas na córtex cerebral (Nissl); 6) presença de células ganglionares de Cajal e de Retzius na córtex cerebral (Steck); 7) hereditariedade: pais epiléticos (Kraepelin, Turner e Reynolds); 8) hereditariedade alcoólatrica: pais alcoólatras (Bleuler); 9) heredosifilis (Broadben e Erickson); 10) heredohisteria (Gotar); 11) excitabilidade espontânea ou reflexa do bolbo (Schroeder van der Kolk); 12) anemia cerebral (Koester e Niemetschek); 13) anemia dos vasos cerebrais, provocando ‘anemia encefálica’), 14) anemia cerebral, conseqüente de lesões no crâneo (Leriche); 15) lesões nos centros sub-corticais (Biswanger); 16) distúrbio infundibular (Marinesco e Démoles); 17) parada funcional dos centros cerebrais (Hartenberg); 18) intoxicação pelo ácido bórico (Haig); 19) excesso de carbonato de amoníaco no organismo (Guidi di Guidi); 20) acidose (Vilavian e Urra); 21) alteração constante na nutrição mineral e aumento do coeficiente azotúrico (Claude); 22) alcalose (Bigwood); 23) factor emocional súbito (Notkin); 24) inibição cortical, provocada por choque emotivo (Rojas); 25) electrização intracerebral, por correntes muito fortes (Guillotta); 26) reacção intensiva dos centros diencefálicos, produtores de pituitrina, que provoca convulsões (Salomon); 27) desequilíbrio neurovegetativo (Oliveira Filho); 28) colina no liquido céfalo-raquidiano, conseqüente de destruição das bainhas mielínicas dos nervos (Donath); 29) modificação na viscosidade do sangue, provocada por agente tóxico na circulação (Brown);

30) distúrbio endócrino na tiróide (Schmiergeld); 31) tiroidite parcial intracapsular dupla (Riedel e Ramos); 32) esclerose do Corno de Ammon, uni ou bilateral (Meynert); 33) alterações difusas das nevralgias (Alzheimer); 34) intensa calcificação nas paredes dos capilares cerebrais (Hoch-Haus); 35) escleroses tuberosa e lobar, atróficas, no cérebro (Jakob); 36) esclerose lobular do cerebelo (Spielmyer); 37) lesão da oliva bulbar (Minkowski); 38) tumor no diencéfalo, ou, mais precisamente, na válvula esférica de seu terceiro ventrículo (Penfield); 39) congestão cerebral apoplectiforme (Trousseau); 40) irritação das circunvoluções rolandianas (Bravais); 41) alterações anatômicas na Ponta de Varole e na medula alongada (Nothnagel); 42) irritação dos centros corticais (Hitzig); 43) aparelho sexual dando origem a epilepsia reflexa (Bernhardt); 44) necroses esquemicas cerebrais (Neuburger); 45) lesões meningo-encefalíticas difusas (Péon); 46) alteração funcional responsável pela perda da consciência (Muskens); 47) disritmia cerebral paroxística (Szekelly); 48) impaludismo (Sydenham e Hoffmann); 49) vermes: oxiuros e helmintos (Pagniez e Plichet).

Eis aí as tentativas do Materialismo, através de psiquiatras, neurologistas e fisiologistas, com o propósito de explicar a causa da epilepsia, como de natureza orgânica. A disparidade entre elas é de tal ordem que chegaram a ser arrolados o impaludismo e vermes intestinais, como factores causais. Nenhuma delas conseguiu reunir a unanimidade, ou pelo menos a adesão da maioria absoluta, ou, sequer, pequena maioria relativa, para consagrá-la como verdadeira. Enfim, tudo é artificial, nada é real.

O Espiritualismo, através do Espiritismo de base científica, como é o da SMERJ, apresenta uma só teoria explicativa da causa da epilepsia, mas comprovável experimentalmente, portanto, dentre todas as 49, a única que reúne condições para ser admitida

como a verdadeira: a epilepsia é fruto de subjugação espiritual. Seu tratamento normal, portanto, é mero paliativo; o que cura, mesmo, é o tratamento paranormal.

O que é subjugação espiritual? A subjugação espiritual consiste na acção magnética de um Espírito subjugador, de ser humano sobrevivente ao fenómeno da morte, contra o Espírito do ser humano vivo. O Espírito subjugador, em regra, reencarnou sucessivas vezes na Índia, sempre com a ideia fixa de desenvolver ao máximo o seu poder mental. Com isso, fica senhor de grande força magnética. Age movido por ódio, e objectivo de vingança. O Espírito subjugador aproxima-se do Espírito a subjugar, nele desfechando potentíssimas cargas magnéticas, o que dá origem ao que se chama de **aura** (pródromos da crise), a ponto de minar-lhe as forças e atirá-lo ao chão em estado de sono artificial, que dura minutos, horas e até dias (Já houve um caso que durou 8 dias); dispondo, assim, da vontade do subjugador, fá-lo babar, às vezes roncar estertorosamente, andar alguns metros (epilepsia procursiva), correr quilómetros (fuga epiléptica), exhibir-se, delirar, dizer palavrões, agredir, violentar, matar, incendiar, agir com a maior violência e em verdadeiro estado de fúria.

Não é só o espírito subjugador, contudo, que provoca e realiza a epilepsia; também pode causá-la o espírito cujo corpo morreu com epilepsia, sem que o carma houvesse terminado com o acto da morte: devido às vibrações anómalas que consigo leva, basta encostar-se num ser humano, cujo carma permita, para que, por força da indução, automática, ambos caiam em crise juntos.

Um único psiquiatra aproximou-se algo da verdade: Levy-Valensi, médico dos hospitais de Paris, pois escreveu que “em alguns casos, haveria um verdadeiro ESTADO SEGUNDO, conduzindo-se o paciente como uma pessoa normal...” (Manual

de Psiquiatria, Barcelona, 1930, pág. 347). ‘Estado Segundo’ é o mesmo da dupla personalidade (Para ele, fenómeno normal, de divisão da mente, do que resultariam no paciente duas personalidades, uma normal e outra anormal; mas a realidade é a de que a ‘outra’ que ele observou, não é anormal, mas paranormal: a normal é a do ser humano vivo (subjugado), sendo, a paranormal, a do ser humano, sobrevivente ao fenómeno da morte (subjugador).

Na esquizofrenia – do grego ‘Schizein’, dividir e, por extensão, **divisão**, e ‘phrenos’, **mente**, com sufixo português **ia**, isto é, **divisão da mente** – ocorre o mesmo, não havendo a pretendida divisão normal da mente, pretendida pela Psiquiatria, porque alternam, no corpo do esquizofrénico, o Espírito dele, o obsessivo, calmo, e o Espírito estranho, obsessivo, em estado de fúria, sequioso de vingança, querendo estrangular, incendiar. A esquizofrenia é a forma mais grave da obsessão espiritual. Foi da observação rigorosa do processamento da esquizofrenia em si, que a SMERJ (*ignoramos o que significa esta sigla*) induziu a Lei da Mediunidade, nestes termos: - “A mediunidade, desenvolvida racionalmente (sob controle), faz o médium; desenvolvida irracionalmente (sem controle), faz o louco”.

(Conclui no próximo número)

ARTUR MASSENA

(Investigador psíquico e Presidente da SMERJ)

NO FUTURO

“E não mais ensinará cada um a seu próximo, nem cada um a seu irmão, dizendo: - Conhece o Senhor! porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior.” - PAULO. (Hebreus, 8:11).

Quando o homem gravar na própria alma os parágrafos luminosos da Divina Lei, o companheiro não repreenderá o companheiro, o irmão não denunciará outro irmão, o cárcere correrá suas portas, os tribunais quedarão em silêncio. Canhões serão convertidos em arados, homens de armas volverão à sementeira do solo. O ódio será expulso do mundo, as baionetas repousarão. As máquinas não vomitarão chamas para o incêndio e para a morte, mas cuidarão pacificamente do progresso planetário. A justiça será ultrapassada pelo amor. Os filhos da fé não somente serão justos, mas bons, profundamente bons.

A prece constituir-se-à de alegria e louvor, e as casas de oração estarão consagradas ao trabalho sublime da fraternidade suprema. A pregação da Lei viverá nos actos e pensamentos de todos, porque

O Cordeiro de Deus terá transformado o coração de cada homem em tabernáculo de luz eterna, em que o seu Reino Divino resplandecerá para sempre.

EMMANUEL

(In: PÃO NOSSO, livro mediúnico com psicografia de Francisco C. Xavier. 26ª. Ed. FEB, capítulo 41).

ALGUÉM

Para alguém sou o lírio entre os abrolhos,
E tenho as formas ideais do Cristo;
Para alguém sou a vida e a luz dos olhos,
E se na Terra existe, é porque existo.

Esse alguém, que prefere ao namorado
Cantar das aves, minha rude voz,
Não és tu, anjo meu idolatrado!
Nem, meus amigos, é nenhum de vós!

Quando alta noite me reclino e deito
Melancólico, triste e fatigado,
Esse alguém abre as asas no meu leito,
E o meu sono desliza perfumado.

Chovam bênçãos de Deus sobre a que chora
Por mim, além dos mares! Esse alguém
É de meus dias a esplendente aurora,
És tu, doce velhinha, oh minha mãe!

GONÇALVES CRESPO

1846 - 1883

AVE, MARIA!

Maria, doce mãe dos desvalidos,
A ti clamo, a ti brado!
A ti sobem, Senhora, os meus gemidos,
A ti o hino sagrado
Do coração de um pai voa, ó Maria,
Pela filha inocente.
Com sua débil voz que balbucia,
Piedosa mãe clemente,
Ela já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,
Pedir ao Pai dos céus
O pão de cada dia. As preces minhas
Como irão ao meu Deus,
Ao meu Deus que é teu filho e tens nos braços,
Se tu, mãe de piedade,
Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços
Da velha humanidade;
Despe de mim todo outro pensamento
E vã tenção da terra;
Outra glória, outro amor, outro contento
De minha alma desterra.
Mãe, oh! mãe, salva o filho que te implora
Pela filha querida.
De mais tenho vivido, e só agora
Sei o preço da vida,
Desta vida, tão mal gasta e prezada
Porque minha só era...
Salva-a, que a um santo amor está votada,
Nele se regenera.

ALMEIDA GARRETT

1799 - 1854

ÚNICA

Mãe,
Venho triste, e cansado, e insatisfeito.
Entrei na vida e já dela descreio.
Tu que me deste o leite do teu peito,
Dá-me agora o encosto do teu seio.

Se só o teu amor é bem perfeito,
Para que andar, tremente de receio,
Rolando de defeito para defeito
Na busca vã da perfeição, que anseio?

Não. Quero descansar. Não posso mais.
Limpa-me o pranto dos meus olhos tristes,
Fecha na tua mão os meus ideais.

Tu, sim, que pelo muito que me queres,
Nada queres! – Ó Mãe, se tu existes
Para que haverá na Terra mais mulheres?!

FRANCISCO COSTA

1900 - 1988

PIETÁ

Já lívido repousa em seu regaço.
Já não escuta, não vê, não ri, não fala.
Aquele que foi seu filho, Ela o embala
Morto, alheia a tempo e espaço.

O mistério parou no limiar dos assombros
Dos irados profetas, das rígidas escrituras
Sobre um Deus morto; e os únicos escombros
São a atónita aflição das criaturas.

Eles choram, vários, como vários são
Sua revolta e sua dor. Absorto,
O olhar da Mãe escorre, inútil, no chão.
Ele, o que chora? O Deus parado – ou o filho morto?

REINALDO FERREIRA

1922 - 1959